

SUJEITO E SENTIDO NA ANÁLISE DE DISCURSO

Lucas de Jesus Santos¹

Universidade Federal da Bahia

Resumo: Pretende-se investigar as relações de constituição entre sujeito e sentido na Análise de Discurso. São trazidos para discussão os conceitos de Ideologia, de Althusser, e de Inconsciente e Significante, de Lacan, relacionando-os com dois textos de Pêcheux, a saber, “Só há causa daquilo que falha” (1978) e “A Análise de Discurso: três épocas” (1983). Observamos que o processo de constituição de um indivíduo em sujeito está diretamente ligado à questão do sentido. Notamos que este processo não se dá de maneira uniforme, sem desvios ou contradições; pelo contrário, o tornar-se sujeito é um percurso constitutivamente falho, disperso, um caminho aberto ao equívoco.

Palavras-chave: Sujeito; Sentido; Ideologia; Inconsciente.

Abstract: This article investigates the relations of constitution between subject and meaning in Discourse Analysis. The concept of Ideology, by Althusser, and those of Unconscious and Signifier by Lacan, are related to two texts by Pêcheux, namely, “There is only cause for what fails” (1978) and “Three stages of discourse analysis” (1983). It is noticed that the process of constitution of an individual into a subject is directly connected to the question of meaning. This process does not happen in a uniform way, without deviations and contradictions. Instead, the becoming-subject process is a constitutively failed, disperse, an path opened to equivocity.

Keywords: Subject; Sense; Ideology; Unconscious

1. Aluno de graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Trabalho desenvolvido na disciplina Introdução à Crítica Textual, 6º semestre, do Instituto de Letras, da Universidade Federal da Bahia, sob orientação do Prof. Me. Arivaldo Sacramento.

I. Introdução

A questão fundamental das problemáticas que envolvem a Análise de Discurso é o sentido. Principalmente, os (des)limites da sensação de sua evidência, de transparência da linguagem, de imbricação entre intenção e significação. Partimos então da pergunta: em que consiste uma evidência de sentido? Que relações ela institui e pressupõe? Em quais espaços esta evidência se projeta, traça caminhos, solicita posições, desliza em estranheza? Admitir que algo na sensação de sentido *falha*, que algo vacila não simplesmente por uma espécie de erro ou engano, mas que, estruturalmente, há um ponto em que “cessa a consistência da representação lógica inscrita no espaço dos ‘mundos normais’” (PÊCHEUX, 2008, p. 51): é sobre esse ponto que pretendemos basear nosso trabalho. Na perspectiva de que a dinâmica de fluxo do sentido empurra-o sempre a um esvaziamento, a seu (des)limite, a um *non-sense*.

Objetivamos, desta forma, investigar as relações de constituição de sujeito e sentido na Análise de Discurso materialista. A nosso ver, há uma imbricação entre a constituição de um indivíduo em sujeito e a produção de sentido. Especificamente, nosso interesse está em verificar como a construção de sentido está diretamente ligada à de sujeito, utilizando-nos de um conceito da aparelhagem teórico-analítica da AD, a saber, o equívoco. Para realizar essa empreitada, trazemos à discussão o texto de Pêcheux, de autocrítica, *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação* (1978) e um texto de balanço teórico *A Análise de Discurso: três épocas* (1983). Em nosso percurso, retomamos os conceitos de ideologia em Althusser e de inconsciente em Lacan, com o intuito de traçar uma trajetória no entendimento do *status* do sujeito, na obra de Pêcheux, identificando pontos de descontinuidades e confluência na constituição da subjetividade e sentido.

A pesquisa nasce de uma curiosidade específica sobre a relação sujeito/sentido e suas relações com o conceito de equívoco, pois ele nos parece basilar para o trato de um dos questionamentos fundamentais da subjetividade – as relações do indivíduo com suas condições concretas de (produção da) existência – e posiciona Pêcheux numa mudança de paradigma dentro da AD e do marxismo, com respeito à compreensão do funcionamento das relações de produção e de sua reprodução.

Tendo em vista as duas conexões teóricas que destacamos acima (ideologia em Althusser e inconsciente em Lacan), pretendemos abordar o tema da seguinte maneira: primeiramente, estabelecendo o entendimento de Althusser do conceito de ideologia e o deslocamento que o autor opera dentro da visão marxista tradicional deste conceito; semelhantemente com Lacan, circunscrevendo a diferença de seu conceito de inconsciente do de Freud. Após esses passos, traçamos as relações entre os conceitos de ideologia althusseriana e inconsciente lacaniano na constituição e funcionamento de sujeito e da produção e dispersão de sentido, recusando a ideia de equívoco como uma espécie de solução dada por Pêcheux à problemática da subjetividade, em relação aos conceitos de Althusser e Lacan; finalmente, tratamos das posições tomadas por Pêcheux em seus textos *Só há causa daquilo que falha* e *A Análise de Discurso: três épocas*, onde Pêcheux faz uma autocrítica de sua obra referida acima, um balanço da AD e reformula seu entendimento de sujeito na economia da Análise do Discurso, revisitando tanto os conceitos de Althusser e de Lacan.

2. Ideologia e sentido

Em seu texto *Sobre a Reprodução* (1999), Althusser pretende pensar uma abordagem para uma problemática antiga do marxismo: como, primeiramente, é garantida a continuidade das relações de produção na sociedade capitalista? Mais especificamente, como é possível que esse modelo

econômico, baseado na exploração do trabalho, se sustente durante longos períodos de tempo, mantido pelos próprios trabalhadores explorados? Qual o jogo que assegura a reprodução das condições de produção?

Dois fatores são apontados. Um sistema econômico precisa assegurar a reprodução: a) das forças produtivas; b) das relações de produção existentes. Sobre as forças produtivas, Althusser indica, como primeira forma de continuidade, a existência do salário. Sendo entendido como “capital de mão-de-obra” (ALTHUSSER, 1999, p. 255), o salário tem o papel de assegurar a reconstituição da força de trabalho do assalariado (vestimenta, alimentação, alojamento, etc). O salário tem o papel de garantir a reprodução das condições materiais da força de trabalho dos indivíduos. A segunda forma de continuidade das forças produtivas é o sistema escolar capitalista e outras instâncias e instituições (ALTHUSSER, 1999, p. 256). É lá que, desde pequenos, os indivíduos, que se constituirão em trabalhadores depois de completada sua formação, aprendem, segundo Althusser, alguns “conhecimentos” e “comportamentos”: regras de moral, consciência cívica e profissional, falar bem a língua, escrever corretamente. Em última instância, aprendem as “regras da ordem estabelecida pelo domínio de classe” (ALTHUSSER, 1999, p. 257), seu lugar na sociedade, suas funções correspondentes; submetem-se, por fim, à ideologia dominante.

A submissão ideológica – tomada, neste momento, como a aprendizagem dos “conhecimentos” e “comportamentos” de classe – é requisito *sine qua non* para que, materialmente, as forças de trabalho se renovem. Assim, temos que, sobre as relações de produção, a educação proporciona tanto a qualificação profissional do indivíduo, especializando-o para a divisão social do trabalho na sociedade capitalista, quanto para que ele perceba sua realidade como a única possível, como aquela que lhe diz o mais diretamente: “você é isto e isto e nada além disso”.

Althusser segue, em seu texto, discorrendo sobre as relações estatais com a ideologia dominante, burguesa, suas formas de manutenção e

atualização (os aparelhos ideológicos), e assim por diante. Vamos transpor essas considerações, porque elas dizem respeito a questões estritamente marxistas: a teoria da dialética das estruturas, qual o papel do Estado na sociedade, qual sua relação com a dominação de classe, etc (do tópico “Infra-estrutura e Superestrutura” em diante). Seguiremos por um caminho que atende mais às questões projetadas no início do nosso texto: em que consiste a evidência de sentido?

Cito por completo uma passagem de Ideologia e Aparelhos ideológicos de Estado, que introduz um gênero muito particular de evidência, a saber, a ideológica:

Como dizia admiravelmente S. Paulo, é no ‘Logos’, entendamos, na ideologia, que temos ‘o ser, o movimento e a vida’. Segue-se daí que, para você como para mim, a categoria de sujeito é uma ‘evidência’ primeira (as evidências são sempre primeiras): é claro que eu e você somos sujeitos (livres, morais, etc). Como todas as evidências, incluindo as que fazem com que uma palavra ‘designa uma coisa’ ou ‘possua uma significação’ (portanto, incluindo as evidências da ‘transparência’ da linguagem), esta ‘evidência’ de que eu e você somos sujeitos – e que isso não crie problema – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar. (ALTHUSSER, 1999, p. 284).

Segundo o excerto acima, a ideologia funciona como um mecanismo de evidenciação de sentidos. O efeito ideológico, por excelência, é o de tornar os sentidos fixos, necessários, a-históricos. A Ideologia, em Althusser, está eminentemente na prática discursiva. Um indivíduo se constitui como sujeito pela interpelação ideológica, através da linguagem. A Ideologia constitui os indivíduos em sujeitos por posicioná-los na economia simbólica social (linguagem), e por solidificar tais posicionamentos como únicos, estáveis e óbvios. Dessa maneira, os indivíduos compreendem o mundo e a si próprios de maneira naturalizada, como se as interpretações e os

valores que lhes foram passados fossem o conteúdo genuíno das coisas, sua razão de ser. Sem todo esse processo, não há subjetivação².

Pêcheux (1977) segue a mesma lógica de Althusser, quando afirma que o caráter da ideologia é o de dissimular sua existência através da criação de um tecido de evidências subjetivas. Assim, o subtítulo de *Semântica e Discurso* é “uma crítica à afirmação do óbvio”, ou seja, trata-se, para Pêcheux, de desestabilizar os significados fixados ideologicamente, tomá-los em suspensão e conectá-los com as diversas formações discursivas que os dispõem. Desta forma, o trabalho analítico consiste em lidar com a tensão do sentido, entre estabilização e desliz, tocando, em último caso, nas próprias modalidades de constituição do sujeito.

No entanto, a dimensão ideológica do processo de constituição dos indivíduos em sujeitos não é suficiente para dar conta da complexidade que há nas relações entre sujeitos, ideologia e linguagem. Há ainda espaços não abordados. Se, segundo Althusser, os indivíduos tornam-se sujeitos pela interpelação ideológica – na entrada do indivíduo na economia social de significados, que confere às coisas seu ser, seu movimento, sua vida –, esta interpelação é feita de um modo absolutamente homogêneo, direto e sem nenhuma espécie de falha? O próprio tecido que serve à interpelação ideológica – a língua, “tomada como a base linguística de processos discursivos ou processos de significação articulados com processos sócio-históricos” (FONSECA-SILVA, 2005, p. 1-2) – é constituído de maneira uniforme, sem desvios, contradições, fragmentações? Para esse aspecto da subjetivação, requer-se o trato de outra dimensão envolvida na constituição da subjetividade: o inconsciente.

2. Por subjetivação, entendemos o processo de transformação de um indivíduo em sujeito: categoria que expressa a posição simbólica, ideológica, histórica, cultural, econômica de um indivíduo.

3. Inconsciente, significante e subjetividade

Em uma entrevista sobre o lugar de Lacan na história da psicanálise, Foucault aponta o que haveria de novo nos textos lacanianos:

[...] nós descobrimos que a filosofia e as ciências humanas viviam sobre uma concepção muito tradicional do sujeito humano, e que não bastava dizer, ora com uns, que o sujeito era radicalmente livre e, ora com outros, que ele era determinado por condições sociais. Nós descobrimos que era preciso procurar libertar tudo o que se esconde por trás do uso aparentemente simples do pronome ‘eu’ (je). O Sujeito: uma coisa complexa, frágil, de que é tão difícil falar, e sem a qual não podemos falar (FOUCAULT, 2002, p. 329-330).

Assumindo essa fala de Foucault, temos que a questão da subjetividade é uma das mais importantes nos trabalhos de Lacan. Os escritos do psicanalista francês ultrapassam o dualismo determinação/liberdade, uma vez que não se trata de buscar o verdadeiro *status* do sujeito – o que este realmente é no seu mais íntimo recanto –, mas trazer à tona “tudo o que se esconde por trás do uso aparentemente simples do pronome ‘eu’” (FOUCAULT, 2002, p. 330), seus modos de constituição, estratégias de formação, enfim, como o indivíduo se torna um sujeito.

Para entender esses processos de subjetivação, Lacan desenvolve alguns conceitos que destacaremos neste trabalho, a saber: o inconsciente e o significante. Tais conceitos são de suma importância para entendermos qual o status do sujeito na AD materialista, uma vez que Pêcheux se utiliza de conceitos lacanianos (Inconsciente, Falha). Outro ponto importante, é que o próprio conceito de equívoco nasce a partir das reflexões lacanianas sobre a subjetividade e os processos de subjetivação. Precisamos tratar, rapidamente, do conceito de Inconsciente em Freud, para, depois,

diferenciá-lo da abordagem feita por Lacan, indicando, logo em seguida, suas conexões com as ideias pecheuxtianas.

Freud, no período da primeira tópica, cria um modelo topológico, onde a mente estaria estruturada em instâncias. Primeiramente, o Inconsciente freudiano é uma instância ou um sistema formado por conteúdos recalcados, que escapam às outras instâncias (o pré-consciente e o consciente) (ROUDINESCO & PLON, 1998). Posteriormente, o Inconsciente torna-se uma espécie de forma de qualificação das instâncias da segunda tópica (Id, Eu e Supereu). O conteúdo do Inconsciente são os representantes ideativos das pulsões, espécies de roteiro de fixações dessas pulsões, que tentam descarregar-se em forma do que se chama de “moções de desejo” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p.377). Os representantes são o modo como as pulsões podem chegar à consciência, pois, segundo Freud (2010, p. 85) “um instinto não pode jamais se tornar objeto da consciência, apenas a ideia que o representa”. Assim é que um instinto ou pulsão estão necessariamente ligados a um representante ideativo e somente eles podem emergir de uma experiência analítica.

Lacan parte das ideias de Freud e se utiliza do conceito de representante ideativo para desenvolver sua teoria do Inconsciente. Se, para Freud, apenas o representante ideativo pode advir na análise, qual seria o caráter desse representante? Para responder a essa pergunta, Lacan insere um conceito na psicanálise: o significante. Tomado da Linguística de Saussure, o significante lacaniano faz parte da tese de que o Inconsciente está estruturado em uma linguagem. Para o psicanalista francês, o Inconsciente é formado em um sistema semiótico, uma série de signos, os quais podem ser reunidos, formando um sentido (OLIVEIRA, 2012). O significante estaria “isolado do significado como uma letra, um traço ou uma palavra simbólica, desprovida de significação, mas determinante, como função, para o discurso ou o destino do sujeito” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 709). O significante sempre escapa ao discurso estrategicamente orientado por

um sujeito consciente e dominador dos sentidos de sua fala. Não está na ordem da escolha ou da manipulação pela intenção do sujeito. O significante está em descompasso em relação ao significado, o que “permite o surgimento do inconsciente nos tropeços de fala”, revelando-se através de formas diferentes de elaboração do discurso durante o processo analítico (OLIVEIRA, 2012, p.116).

A partir da teoria do significante em Lacan, temos que, para a Análise de Discurso Materialista, o Inconsciente – mais especificamente o discurso do sujeito – é o Outro que marca a cisão do sujeito, é a emergência de um *non-sense*, onde se instauram pontos de deriva discursivos, que não detém nem proporcionam qualquer oportunidade de controle intencional por parte do sujeito. Em *Só há causa daquilo que falha*, Pêcheux diz:

É nesse ponto que ao platonismo falta radicalmente o inconsciente, isto é, a causa que determina o sujeito exatamente onde o efeito de interpelação o captura; o que falta é essa causa, na medida em que ela se ‘manifesta’ incessantemente sob mil formas (o lapso, o ato falho, etc) no próprio sujeito, pois os traços inconscientes do significante não são jamais ‘apagados’ ou ‘esquecidos’, mas trabalham, sem se deslocar, na pulsasão sentido/*non-sens* do sujeito dividido. (PÊCHEUX, 1997, p. 300)

O Inconsciente é a instância, onde marca, no indivíduo, a impossibilidade de ser senhor de si mesmo e do que diz, a impossibilidade de instituir sobre si mesmo um saber total. É justamente a possibilidade de se constatar que o sujeito não “pode imaginar que ele ‘domina’ esse saber inconsciente” (PÊCHEUX, 1999, p. 6). O Inconsciente sempre escapa às investidas do sujeito-assujeitado, é sua instância inalcançável, o interdito, aquilo que foi retirado da paisagem do dizer, de modo a sempre se deslocar, ao nível da imagem, trilhando e formando outros pontos de significação.

4. Pêcheux e a questão do sujeito: o equívoco

E é nesse ponto que Pêcheux não se fixa apenas nos parâmetros althusserianos de subjetivação, apesar de *nunca abandonar a tese do assujeitamento e nem da interpelação ideológica*. Conforme diz em *A Análise de Discurso: três épocas*, a tomada de posição estruturalista (presente nas teses de Althusser sobre o funcionamento da ideologia) “produz uma recusa (que, esta, não vai variar da AD-I à AD-3) de qualquer metalíngua universal supostamente inscrita no inatismo do espírito humano, e de toda suposição de um sujeito intencional como origem enunciativa de seu discurso” (1983, p. 311). Como também afirma Orlandi (1999) o assujeitamento não é *quantificável*: não se é mais ou menos sujeito, bem como o sentido não é mais ou menos controlável; não há margem de liberdade, não existem delimitações no campo da ação que proporcionem espaço para, ali sim, o sujeito se realizar plenamente, como se houvesse uma *transparência* entre o que ele diz e o seu desejo primordial. Toda a crítica de Pêcheux sempre foi à pretensa espontaneidade com que sempre se qualificou a relação entre linguagem, mundo e sujeito.

“Não se pode dizer senão afetado pelo simbólico, pelo sistema significante”, continua Orlandi (1999, p. 10), portanto não há sentido que não esteja *sujeito* à língua, na história. O simbólico é, como definem Roudinesco e Plon:

Um sistema de representação baseado na linguagem, isto é, em signos e significações que determinam o sujeito à sua revelia, permitindo-lhe referir-se a ele, consciente e inconscientemente, ao exercer sua faculdade de simbolização. (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 714)

Sendo assim, o material simbólico não é virgem, límpido e cristalino. Não se relaciona com o mundo, os indivíduos e as coisas de um modo inocente. Está, antes de tudo, imbricado em uma teia sem fim de valores e interpretações que conferem para o mundo, o sujeito e as coisas, seu ser, movimento e vida (ALTHUSSER, 1999). O Simbólico, como afirmam Roudinesco e Plon (1998) está à revelia do sujeito, portanto não lhe pertence, de modo algum, o que diz e como diz. Antes que o sujeito possa dizer “Eu falo” ele é falado, significado; seu estatuto é conferido pelo jogo da língua na história, pelos sentidos.

A sensação de posse do sentido pelo sujeito está, para Pêcheux, relacionada ao que chama de teatro da consciência – mecanismo de reconhecimento e encenação dos papéis distribuídos pela inserção do indivíduo na linguagem. Assim, o sujeito sabe de si próprio e reconhece a si próprio como sendo si mesmo através dos dispositivos disponibilizados pelas estruturas da linguagem. A questão é que, esse processo de reconhecimento – a que poderíamos qualificar de ideológico, pois está relacionado com a língua tomada em sua historicidade, ou seja, na profusão de sentidos concebidos previamente ao sujeito – não acontece de modo homogêneo e estável: há a falha, a dispersão, os chistes, as contradições. Até mesmo a própria materialidade da língua é suscetível a falhas. Segundo Orlandi:

a língua é capaz de falha. Essa possibilidade - a da falha - é constitutiva da ordem simbólica. Por seu lado, o equívoco já é fato de discurso, ou seja, é a inscrição da língua (capaz de falha) na história que produz o equívoco. Este se dá, portanto, no funcionamento da ideologia e/ou do inconsciente. O equívoco é a falha da língua, na história. (ORLANDI, 1999, p.13)

O equívoco é, portanto, a dimensão onde todo enunciado está “suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursi-

sivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PÊCHEUX, 2008, p.53). O equívoco é o lugar onde se instauram pontos de deriva de sentido e da própria constituição da subjetividade. É pelo e no equívoco que os sentidos escorregam à apreensão. O equívoco é a falha da língua na história. Assim, observamos que há uma abertura da língua para o equívoco, e que o próprio *modus operandi* da ideologia é “pelo equívoco”, estruturando-se “sob o modo da contradição” (ORLANDI, 1999, p. 13). A ideologia é um ritual com falhas e não é no conteúdo que a ela afeta o sujeito, mas na estrutura mesma pela qual o sujeito (e o sentido) funciona (ORLANDI, 1999, p. 13).

Aqui, confluem os trabalhos de Pêcheux, Althusser e Lacan. O tratamento dado ao problema da subjetividade pelos dois últimos autores possibilita a Pêcheux desenvolver uma teoria da subjetividade não subjetivista, que não afirma um indivíduo senhor de si e tampouco defende um sujeito constituído de maneira totalmente limitada pela ordem do discurso. No entanto, não se trata de postular que haveria um espaço onde, na falha da ideologia, a vontade do sujeito ainda pulsa. Ao contrário, se a ideologia é falha, o sujeito e o sentido também o são, uma vez que a “questão da *constituição do sentido* junta-se à da *constituição do sujeito*” (PÊCHEUX, 1997, p. 153-154, grifo do autor). Portanto, tanto na perspectiva do sujeito para com o sentido, quanto do sujeito para consigo mesmo a experiência do equívoco é constitutiva. Após tornar-se sujeito pela interpelação ideológica e pela inserção na camada simbólica, o indivíduo tem sua forma individual(izada) concreta através das instituições e as relações materializadas (pelo Estado) que especificam a forma histórica do indivíduo, possibilitando as ações de resistência e evasão.

Como vimos, não há em Pêcheux uma recusa radical do assujeitamento, enquanto processo de subjetivação. A mudança observada em relação ao estatuto do sujeito na Análise de Discurso Materialista se dá, na verdade, no modo de entendimento da constituição *do próprio processo de subjetivação* e não especificamente do *status do indivíduo*. Pelo processo

(o assujeitamento) ser falho – ser vazado, contraditório, enfim, ser suscetível ao equívoco da língua na história – é que o produto (sujeito, sentido) constitui-se em dispersão. Os pontos de deriva não pertencem ao sujeito, mas são fissuras providas por sua própria constituição assujeitada. Assim é que Pêcheux (1990), no final de seu texto *Análise de Discurso: três épocas*, coloca interrogações que advêm dessa problemática contraditória da constituição do sujeito na AD:

Como separar, nisso que continuamos a chamar “o sujeito da enunciação”, o registro funcional do “ego-eu” estrategista assujeitado (o sujeito ativo intencional teorizado pela fenomenologia) e a emergência de uma posição do sujeito? Que relação paradoxal essa emergência mantém com o obstáculo, a irrupção imprevista de um discurso-outro, a falha no controle? O sujeito seria aquele que surge por instantes, lá onde o “ego-eu” vacila? (PÊCHEUX, 1990, p.317)

Vê-se, portanto, que as questões suscitadas pela mudança de estatuto do processo de subjetivação demonstram as tensões que a AD materialista tem de lidar no trato da problemática do sujeito. A partir de tais indagações seria possível propor uma reavaliação da visão das ciências humanas em geral sobre o sujeito. Como disse Foucault (2002, p. 330), na entrevista sobre Lacan, trata-se de trazer à tona tudo o que se esconde “por trás do uso aparentemente simples do pronome ‘eu’”.

Referências

- ALTHUSSER, L. *Sobre a Reprodução*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1999.
- FONSECA-SILVA, M. da C. *O Sentido como Efeito de e Bases Simbólicas de Significação*. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/MariaDaConceicaoFonsecaSilva.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2013.

FOUCAULT, M. Lacan, o “Liberatore” da Psicanálise. In: _____. *Problematização do Sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 329-330.

FREUD, S. *Introdução ao Narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LACAN, J. *O Seminário: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Versão brasileira de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

MALDIDIER, D.; NORMAND, C.; ROBIN, R. Discurso e Ideologia: bases para uma pesquisa. In: ORLANDI, Eni (Org). *Gestos de Leitura*. Tradução de Bethania S. C. Mariani. Campinas: Unicamp, 1994. p. 67-102.

OGILVIE, B. *Lacan: a formação do conceito de sujeito*. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

OLIVEIRA, J. B. O Inconsciente Lacaniano. *Psicanálise & Barroco em revista*, Juiz de Fora, vol. 10, n. 1, p. 109-120, jul., 2012.

ORLANDI, E. Do Sujeito na História e no Simbólico. *Escritos*, Campinas, nº 4, maio, 1999.

PÊCHEUX, M. Análise de Discurso: três épocas (1983). In: GADET, F. e HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Jonas de A. Romualdo. Campinas: Unicamp, 1990. p. 311-318.

_____. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas-SP: Pontes Editores, 2008.

_____. Ideologia: aprisionamento ou campo paradoxal?. In: ORLANDI, E. (Org.). *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Tradução de Carmen Zink. Campinas: Pontes, 2011. p. 107-119.

_____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Orlandi et al. Campinas-SP: Ed. Unicamp, 1997.

_____. Sobre os Contextos Epistemológicos da Análise de Discurso. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. *Escritos*, Campinas, nº 4, maio, 1999.

_____. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Orlandi et al. Campinas-SP: Ed. Unicamp, 1997. p. 293-307. ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Recebido em: 14/03/13

Aceito em: 07/05/13